

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

BILLY WOODBERRY | REALIZADOR CONVIDADO

14 de Junho de 2025

### Retrato de Teresa / 1979

um filme de PASTOR VEGA

*Realização:* Pastor Vega *Argumento:* Ambrosio Fornet, Pastor Vega *Fotografia:* Livio Delgado *Montagem:* Evelio Edelmira Lores "Mirita" *Música:* Carlos Fariñas *Som:* Germinal Hernández *Direcção Artística:* Luis Lacosta *Cenografia:* *Guarda-Roupa:* Dalia Sánchez Torres, Regina Caridad Sánchez *Assistente de realização:* Lourdes Prieto *Caracterização e cabelos:* Nereida Sánchez Castellón *Interpretação:* Daisy Granados (Teresa), Adolfo Llauradó (Ramón), Alina Sánchez, Raúl Pomares, Eloísa Álvarez Guedes, Alejandro Lugo, Miguel Benavides, Samuel Claxton, Elsa Gay, Mario Limonta, Norma Martínez Pineda, Héron Veja, Asenneh Rodríguez.

*Produção:* ICAIC (Cuba, 1979) *Produtor:* Evelio Delgado *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, falada em espanhol e legendada em inglês e electronicamente em português, 103 minutos *Estreia Mundial:* Agosto de 1979, no Festival Internacional de Cinema de Moscovo (Prémio de melhor interpretação feminina para Daisy Granados); Outubro de 1979, no Festival Internacional de Cinema de Chicago *Primeira apresentação em Portugal:* 1979, no Festival Internacional de Cinema de Santarém (a concurso) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**sessão comentada por Billy Woodberry no final da projecção (em inglês)**

**Retrato de Teresa é apresentado para rimar em "double bill" com *Bless their Little Hearts* de Billy Woodberry**

---

"Um grande e oportuno filme sobre a condição da mulher, da sua libertação e progressiva incorporação na sociedade, fugindo às tradições retrógradas e às teorias machistas e reacionárias." A frase assinada por Maria Fernanda Reis foi publicada em Maio de 1980 na revista *Cinéfilo* (nº 291), na crítica a *Retrato de Teresa* na sequência da passagem do filme no Festival Internacional de Cinema de Santarém, um ano após a primeira apresentação na URSS e nos EUA. Em Portugal, onde aparentemente não estreou comercialmente, o mais conhecido filme de Pastor Vega (1940-2005) mereceu esta atenção mas não a curiosidade suficiente para a distribuição do circuito comercial. Em Cuba, fora um fenómeno: um filme de assinalável popularidade, que havia provocado debates inflamados na imprensa e nas ruas de Havana – meio milhão de espectadores em menos de dois meses depois da estreia "e inúmeras discussões conjugais", lê-se num *dossier* de muitas páginas da revista *Cine Cubano* nº 97, 1980. A mesma crítica portuguesa sublinha, "O júri de Santarém atribuiu ao filme uma justa menção, pela contribuição que dá ao estudo da emancipação da mulher. O filme concebido em quadros-sequências, num estilo que recorda o neo-realismo italiano, é particularmente actuante, sem demagogias feministas, antes com muita autenticidade através da análise de uma família, onde a mulher é o símbolo dos anseios de muitas mulheres na luta contra a discriminação, em Cuba e por esse mundo fora."

A terminologia "sinaliza" a época da escrita do texto, embora, no essencial, este mantenha uma perturbante actualidade. Nota questões essenciais do filme, construído à volta da protagonista feminina interpretada pela actriz cubana Daisy Granados (nascida em 1942), uma prima estrangeira de Andais Banks na interpretação de Kaycee Moore em *Bless Their Little Hearts* de Billy Woodberry (1980), como ela uma mulher casada, mãe de filhos, trabalhadora, em conflito com o marido. Como dantes e não obstante avanços contemporâneos não-universais e não-garantidos, *Retrato de Teresa* toca em pontos sensíveis do "feminino, masculino" no seio familiar, comunitário, sócio-económico ou cultural que muito lamentavelmente não perderam pertinência. Ou não toda. No dito *dossier* da *Cine Cubano* no qual Alejandro Gonzalez Acosta – de novo *na época* – reúne depoimentos de Pastor Vega, Daisy Granados e Adolfo Llauradó, o actor que interpreta a personagem do marido, Ramón, o realizador explicita:

“*Retrato de Teresa* não é um filme sobre vítimas e carrascos. Tanto Teresa como Ramón são personagens que andam à procura. Ambos enfrentam as suas próprias limitações e preconceitos tentando encontrar uma resposta nova diante de situações historicamente ultrapassadas e cuja sobrevivência resulta anacrónica. O inimigo de Teresa e Ramón é constituído pelo conjunto de tradições engendradas pela estrutura familiar burguesa e pequeno-burguesa que ainda sobrevive no mais recôndito da consciência [...]. Teresa luta para deixar de ser uma esposa e passar a ser uma companheira.” Ou ainda: “Teresa toca na ferida. Pensar que propõe simplesmente um intercâmbio de olhares e adultérios é demasiado simplista e empobrecedor. Teresa propõe a autenticidade. Teresa exige a extinção de uma moralidade dupla que permite julgar homens e mulheres de forma distinta perante uma situação idêntica. Teresa, ao exigir de Ramón uma resposta definidora em relação a essa dupla moralidade, obriga ao auto-questionamento e ao máximo de sinceridade, a todos os que pretendam romper com o conformismo e a hipocrisia.”

Citando o realizador, um realizador com uma importante filmografia documental e de ficção, primeiro director do Festival Internacional de Cinema de Havana (durante doze anos a partir de 1979) e figura de relevo no ICAIC, cite-se a actriz, que foi sua actriz noutros filmes e foi sua mulher. A extraordinária Daisy Granados dizia assim na altura: “A revolução precisa de Teresa. E de todos! Mas o que se passa aqui? Isto significa, em parte, uma ruptura: romper com o estabelecido, os esquemas coloniais, a supremacia, os pequenos privilégios com os quais Ramón conta pelo simples facto de ser homem [...]. Será este amor um egoísmo tremendo? Teresa, para mim, é um símbolo de um ser humano consciente e com vergonha, com potencial de futuro.” Um dos diálogos do filme, resume a questão, esgrimida entre Teresa e uma amiga num momento do filme em que a protagonista está extenuada de trabalho, deprimida pela situação conjugal, desgostada pela sua impossibilidade não obstante o amor que as personagens sentem uma pela outra após onze anos de casamento e três filhos pequenos, o trabalho dela na fábrica e uma recente incumbência cultural, o trabalho dele como técnico de reparações de televisão. A televisão, os televisores, as transmissões televisivas, são um elemento recorrente da acção e dos enquadramentos de *Retrato de Teresa*, diga-se de passagem, notando outra questão de época. “Esta coisa de criar filhos, lavar as peúgas do marido e ter de ouvir tretas... não senhora, não é para mim.” dizem as amigas, entendendo-se uma à outra.

A mais polémica produção do ICAIC – outro epítome de *Retrato de Teresa* – é em simultâneo um filme de interpretações à flor da pele, que vagueia entre a casa e a fábrica, com deambulações paralelas pelos espaços mais fluidos do trabalho do marido, os transportes públicos em que Teresa circula meditativa ou o cenário do campo com carrossel da sequência do fim-de-semana em família que é e não é a sequência de aparência mais doce do filme. A harmonia não existe nessa cena porque Teresa já deixou de contemporizar com o papel que a mãe ou a sogra aceitaram, aceitando ver nos maridos mais um filho crescido de quem seria preciso tomar conta e desculpar como alguém que nem sempre sabe o que faz. Entretanto, as cores da casa, das ruas, os ambientes, o cuidado fotográfico e de mise-en-scène agarram as personagens, elas próprias imbuídas da vitalidade dos actores. Até ao paralítico final que fixa a imagem de Teresa perdida de Ramón no meio da multidão e de olhos vagos, postos em frente. Tal é o desfecho deste drama de casamento de timbre revolucionário, passado em Cuba nos anos 1970, com uma operária no papel de mulher coragem, com uma máxima utópica em fundo – “A revolução é quando o impossível se torna possível.”